

MINHA HISTÓRIA DE VIDA!

“Bom dia! Meu nome é Guilherme da Silva Rodrigues, tenho 13 anos e sou um Alto Habilidoso.

Sou um paulista, filho único de pais gaúchos. Desde pequeno sempre apresentei precocidade para andar e falar, bem como ler e escrever. Meu vocabulário sempre foi mais amplo do que a maioria das crianças da minha idade. Tenho grande facilidade de memorização e grande facilidade de entender e aprender novas coisas, assim apresento um ótimo rendimento escolar. Sempre gostei de me relacionar com pessoas mais velhas, tenho grande interesse em jogos de tabuleiros e eletrônicos, prefiro músicas instrumentais (jazz e óperas). Tenho um grande respeito pela natureza e pelos animais e a minha maior paixão é ler.

Mas como ninguém é perfeito, também apresento minhas dificuldades, meus medos e defeitos... Sempre tive dificuldade para me relacionar com pessoas mais jovens ou da minha idade. Também sinto dificuldade em me incluir em grupos e sentir-me aceito, nunca gostei de trabalhar em grupos e sou inseguro em relação às pessoas a minha volta. Tenho fobia de ser exposto e ridicularizado em público e também não lido bem com ironias. Sou extremamente sincero (podendo ofender sem intenção), sendo ansioso e rígido comigo mesmo (sempre cobrando melhores resultados), preocupando-me exageradamente com o meu futuro profissional.

Não tenho muito do que reclamar, tenho uma vida boa, meus pais são ótimos comigo, me ajudam e me apoiam.

Falando abertamente sobre AH/SD, eu não acho que isso seja algo de outro mundo, tampouco um bicho de sete cabeças, mas vejo que muitas pessoas ainda carregam um grande preconceito sobre o assunto, principalmente nas escolas no que se diz respeito aos professores. Em 10 anos, frequentei seis escolas diferentes, procurando ser aceito por ter uma personalidade onde tentava expressar minha opinião, ser ouvido nos meus questionamentos e ser respeitado como ser humano.

Durante minha jornada, conheci diversos professores que tiveram atitudes preconceituosas, maldosas, debochadas, desrespeitosas comigo e o que mais me machucava era que mesmo eu sendo um aluno exemplar, afetuoso e calmo sofria o descaso e a maldade daqueles que deveriam estar me apoiando.

A primeira escola onde estudei considero como ruim, as professoras eram desumanas, frias e tinham atitudes nada pedagógicas. Eu tinha somente três anos e me sentia extremamente reprimido... Lembrem-se professores: Uma criança, mesmo pequena, nunca se esquece de um trauma vivido. Até hoje eu me recuso a desenhar!

A segunda escola foi boa, as professoras eram incentivadoras, havia contato com animais e tudo era livre. Foi uma época feliz, porém, logo fui encaminhado ao ensino fundamental, pois já estava avançado e as professoras temiam que eu ficasse entediado com a falta de estímulos. Já na terceira escola, onde iniciei o ensino fundamental foi neutra, pois não me levou para lado nenhum. Tratava-se de uma escola pública boa, mas eu não me conformava com as frequentes faltas de aulas. Então no ano seguinte, meus pais me matricularam numa escola privada e esta foi a quarta escola.

Ahhh caros professores, esta foi a mais traumatizante. Lá entendi o que era sofrer com a discriminação de professores e colegas. Lá descobri que o pior Bullying é aquele que vem do professor, pois é ele que dá a abertura para que os alunos comecem as agressões que machucam tanto. Fechar os olhos para a verdade, fingir que o aluno não existe e que não está sofrendo é uma covardia gigante. Então aí já diagnosticado com uma depressão infantil por não ser compreendido, por não ser enxergado, por ser ridicularizado toda vez que fazia um questionamento mais complexo, meus pais na esperança de me ver feliz novamente partiram para uma quinta escola... Denominada por mim como a prolongação do inferno!

Essa escola foi um segmento intensificado da escola anterior, com professores ignorantes, coordenação omissa e direção covarde. Onde fui exposto à vergonha e chacota feita por todos. Às vezes eu chegava há ficar muito tempo com a mão levantada para poder ter a oportunidade de participar da aula e mesmo assim era ignorado. Difícil mesmo é compreender porque os professores se sentem tão ofendidos quando um ótimo aluno, que nunca foi mal educado, que nunca atrapalhou a aula, que sempre respeitou a todos fica tão irritados apenas com o pedido de um conteúdo a mais. Acreditem vocês, cheguei a ser trancado na escola e impedido de pedir socorro aos meus pais pela coordenação que só me liberou quando menti que estava gravando com o celular as agressões verbalmente sofridas. Era apelidado de chorão e retardado por ler livros grandes sem figuras. Nessa época, os livros eram o meu refúgio, meu porto seguro.

Como já mencionei meus pais sempre me apoiaram, me ajudaram e procuraram recursos para que eu voltasse a ser feliz e não pouparam esforços. Encontrei ajuda na força dos meus pais que tanto lutaram ao

meu lado, na Faders e na AGAAHSD onde fui atendido por profissionais que me ajudaram a entender o que e quem eu sou. Aprendi o poder da assertividade, criei coragem, elevei minha autoestima e sequei minhas lágrimas. Entendi que eu não deveria aceitar tudo de cabeça baixa e que poderia me defender sem perder o respeito e sem sofrer.

Fui para a sexta escola (atual), que me recebeu de bom grado com uma proposta de um estudo afetivo, com professores e uma turma que tivesse capacidade de me aceitar como eu sou.

Não tenho privilégios na escola, sou tratado de forma normal como todos os alunos e os professores são incentivadores, queridos, carinhosos, respeitosos, são bons ouvintes. Sou compreendido e estimulado. Os professores aproveitam minha participação com bom gosto e mostram prazer em conversar comigo. Os colegas admiram meus hábitos literários e até se arriscam a tentar ler. Agora, acredite, a briga é para ver quem vai trabalhar em grupo, pois todos querem trabalhar comigo!

A escola não precisou fazer nenhum tipo de investimento a não ser a humanização dos professores, que são multiplicadores de resultados positivos. E o que se faz é muito simples, um exemplo disso é a minha professora de Língua Inglesa. Discretamente, ela me chamou em particular e me fez a proposta de construirmos conhecimento juntos. Eu deveria nas horas ociosas em sala, ler uma literatura em inglês, juntando o útil ao agradável e depois discutiríamos a obra. E assim estamos fazendo...

Sigo minha jornada, lutando e levando esse depoimento para que outras pessoas possam ser multiplicadoras de informação. Sou livre, sinto-me feliz, tenho orgulho de ser um AH/SD. Não fiquem chocados e



sim motivados, sejam pessoas melhores. Não me sinto mais oprimido e nem um pouco triste, só quero mesmo ser compreendido. Espero!”

Observação:

Faders – Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas com Deficiência e Pessoa com Altas Habilidades no RS.

Agaahsd – Associação Gaúcha de Altas Habilidades/Superdotação.